

Preocupação com a democracia na América Latina

Estudo da Universidade de Georgetown mostra como a questão econômica ameaça a paz social na região

A preocupação com as dificuldades que a grave situação econômica da América latina gera para os processos democráticos desses países é um tema também do informe anual do Centro de Estudos Estratégicos da Universidade de Georgetown, para quem o retorno da região à vida democrática é um assunto de vital interesse para a segurança dos EUA.

O estudo diz que "devido ao severo impacto sobre o custo de vida, os problemas econômicos podem ter sérias consequências para o processo político regional". Analisando a situação de cada país, o relatório diz sobre o Brasil que "a impossibilidade do presidente João Figueiredo consolidar seu poder político deixou seu governo em situação vulnerável e sua precária saúde intensificou os temores sobre sua capacidade de ação até o final de seu mandato. Apesar disso, o debate político manteve-se dentro dos limites, o que parece refletir o

convencimento de todos sobre a magnitude das ameaças à paz social inerentes à presente crise econômica brasileira".

O documento elogia a posição "combativa" do presidente mexicano Miguel de La Madrid frente aos sindicatos registrando que o sentimento antigovernamental não parece ser significativo apesar dos problemas econômicos. O informe destaca a situação argentina como a mais difícil pela "deterioração de sua economia e a dificuldade de renegociar a dívida externa, cuja complexidade estimula os temores de que as ameaças à paz social enfraqueçam a posição do novo governo civil do presidente Alfonsín.

Os Estados Unidos devem assumir suas responsabilidades no endividamento do Terceiro Mundo, mas os bancos devem tratar em separado com cada país devedor, defendeu ontem, em um jantar num grande hotel nova-iorquino, o ex-secretário de Estado norte-

americano Alexander Haig.

Ele disse aos homens de negócios e aos jornalistas ali reunidos que a reunião de países industrializados em Londres foi "uma maneira elegante de não fazer nada", ao mesmo tempo que condenou qualquer tentativa de "estender um cheque em branco aos devedores". Em troca, Haig propôs "um sistema de recompensas" que premie os países que cumpram com os requisitos de uma gestão econômica saá".

Haig, por outro lado, exortou o governo norte-americano a assumir suas responsabilidades frente ao Terceiro Mundo dizendo que "no passado soubemos mostrar-nos generosos". A um jornalista que lhe perguntou se por trás da decisão boliviana de não pagar sua dívida estava o "dedo de Moscou", Haig respondeu que sempre acreditou estarem os soviéticos por trás de muitas coisas, mas que, no caso boliviano, não pensava dessa forma.